

MEDIOEVO Y LITERATURA

Actas del V Congreso de la Asociación
Hispánica de Literatura Medieval

(Granada, 27 septiembre - 1 octubre 1993)

Volumen II

Edición de Juan Paredes

GRANADA
1995

© ANÓNIMAS Y COLECTIVAS.

© UNIVERSIDAD DE GRANADA.

MEDIOEVO Y LITERATURA.

ISBN: 84-338-2023-0. (Obra completa).

ISBN: 84-338-2024-9. (Tomo I).

ISBN: 84-338-2025-7. (Tomo II).

ISBN: 84-338-2026-5. (Tomo III).

ISBN: 84-338-2027-3. (Tomo IV).

Depósito legal: GR/232-1995.

Edita e imprime: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Granada. Campus Universitario de Cartuja. Granada.

Printed in Spain

Impreso en España

Relações entre as lendas de Fernão Gonçalves e Afonso Henriques

“La recherche des sources, donnant voix a un silence, effectue un possible: rien de plus. Indispensable, et en elle-même sans intérêt, elle ne fait que marquer son lieu à une opération de redistribution de l’espace historique, relevant d’une fonctionnalité différante, d’un discours autre, auquel elle n’a point de pouvoir de se substituer”.

Paul Zumthor

Reflectindo sobre a utilidade dos estudos que se debruçam sobre as fontes e as influências que podem ou não ser verificadas em textos literários, principalmente nos textos da Idade Média, Paul Zumthor põe em causa, neste seu artigo publicado em 1977 na revista *Poétique*, não a sua utilidade mas o uso que posteriormente se faz dos resultados desse tipo de investigação, promovendo a causas meras correspondências oriundas da tradição e referidas a um sentido colectivo (cf. op.cit.:310).

Pude confirmar a pertinência destas questões e a sua importância no âmbito dos estudos medievais ao reler o interessante e insubstituível estudo elaborado por Luis Filipe Lindley Cintra, “Sobre a formação e evolução da lenda de Ourique (até à Crónica de 1419)” (Cintra,1957). Detive-me em particular sobre as suas considerações acerca da influência que, segundo o ilustre medievista, a lenda de Fernão Gonçalves terá exercido sobre a narrativa da vida de Afonso Henriques que serviu de fonte à *Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal*, atribuída a Fernão Lopes e vulgarmente conhecida como *Crónica de 1419* (cf. op.cit.:208-215). O confronto é aí estabelecido entre o texto desta Crónica, relativamente a Afonso Henriques, e a prosificação da lenda de Fernão Gonçalves presente na *Crónica Geral de Espanha de 1344*. No centro da argumentação estão as coincidências verificadas entre o relato da batalha de Ourique e os relatos das batalhas de Lara e Hacinas, que ele classifica como “resultado de imitação consciente” (op.cit.:214).

Sem pretender pôr em causa ou negar a validade das conclusões a que aqui se chega, gostaria contudo de chamar a atenção para algumas limitações deste tipo de abordagens aos textos medievais. Por um lado corre-se o risco de ignorar o peso que a tradição e a sua apertada rede de códigos e lugares-comuns exercem sobre eles. Por outro, somos levados a esquecer o valor intrínseco de cada texto, em si mesmo e não como mero documento ilustrativo de um processo de influências mais ou menos directas.

Não é aqui oportuno, pela extensão que tal trabalho implica, verificar cada um dos argumentos em que se baseia a tese de Cintra para chegar a conclusão que anteriormente referimos. Podemos, no entanto, seleccionar e tecer alguns comentários ao que é indicado como decisivo para comprovar o dito processo de “imitação”: a existência de uma ermida e a intervenção de um eremita diringindo-se a um e a outro dos protagonistas das respectivas lendas, antes das batalhas, em termos muito semelhantes. No caso de Fernão Gonçalves, este encontra a ermida na sequência da perseguição a um porco montês, portanto durante uma caçada. Junto dessa velha igreja vive uma pequena comunidade de monges, um dos quais se lhe dirige, dando-lhe indicações premonitórias relativamente à batalha que o herói irá travar contra os mouros e revelando-lhe alguns factos da sua vida futura (cf. op.cit.:cap.CCCXXVIII). Afonso Henriques, determinado em avistar o exército inimigo na véspera da batalha de Ourique, sobe a um monte onde se encontrava a ermida e o eremita que lhe anunciou, em nome de Deus, a vitória na lide iminente. No dia seguinte o jovem rei tem uma visão de Cristo na Cruz (cf. op.cit.capp.XIII-XIV).

Se houve de facto uma influência directa daquele episódio na elaboração deste, temos que reconhecer o significativo empobrecimento que o motivo sofreu na *Crónica de 1419*. Na narrativa da vida do conde castelhano, segundo a *Crónica Geral de 1344*, a relação que o cavaleiro estabelece com a ermida de S. Pedro de Arlanza reveste-se de uma maior complexidade, articulando-se de forma coerente com outros aspectos do seu percurso heróico. A descoberta da velha capela meio encoberta pela vegetação, na sequência de uma caçada que isolara o Conde, separando-o dos seus homens e do seu cavalo, reveste-se de conotações específicas, nomeadamente pela criação de um clima mágico e propício a revelações sobrenaturais. É o motivo tópico da caça, ausente na lenda de Afonso Henriques, determinante para transformar a subida de Fernão Gonçalves a Arlanza numa aventura misteriosa. A literatura cortês e também alguns relatos hagiográficos¹

1. Podemos citar como exemplo a lenda de Santo Eustáquio (cfr. *La Légende Dorée*) e algumas narrativas romanescas como *Guigemar* (cfr. *Les Lais de MARIE DE FRANCE*) ou *Guingamor* (cfr. *Le Coeur Mang*). Veja-se ainda a importância da caça no mais conhecido romance de CHRÉTIEN DE TROYES, *Erec et Enide*.

apresentam de forma recorrente este mesmo motivo da caça, portador de um significado que está para além da mera referência à actividade desportiva, transformando-se a expedição sempre num evento com consequências extraordinárias.

Mas voltemos à lenda do herói castelhano. O episódio das revelações proféticas do monge no alto da montanha tem uma sequência, intensificando-se ao dar lugar às aparições dos santos na segunda vez que Fernão Gonçalves sobe à ermida. Aí a aventura é ainda mais fantástica já que o herói entra em contacto com o monge, após a sua morte, e ainda com um outro santo que lhe anuncia a próxima intervenção de Santiago na batalha de Hacinas (cf. op.cit.capp. CCCXXXIX-CCCXLII).

Não podemos deixar de estabelecer a ligação entre estas duas subidas à montanha, lugar privilegiado da epifania do sagrado, com a indicação do lugar onde decorreram os primeiros anos da vida do mais novo dos três filhos de Gonçalo Nunes, o conde Fernão Gonçalves. A infância vivida na montanha, na companhia de um velho sábio, (cf. op.cit.cap.CCCXXII) constitui a primeira etapa do seu percurso de maturação, que se vai desenrolando por ciclos. A subida a S.Pedro de Arlanza e a conversa com Frei Palaio são isomorfas desta imagem da infância do cavaleiro, repetida na segunda visita que faz ao lugar antes da batalha de Hacinas.

Só então parece ter atingido o estágio de mediador entre a natureza humana e a natureza divina pois é-lhe concedida a possibilidade de comunicar com o Outro Mundo. Desta forma se estrutura a imagem do heróico conde, dotando-o de uma dimensão religiosa e espiritual que ultrapassa em importância as suas aptidões guerreiras.

A leitura do relato do reinado de Afonso Henriques na *Crónica de 1419* (capp.III-XXXVIII) torna de imediato patente uma mesma intenção de dotar a personagem de uma dimensão épico-cavaleiresca e de uma faceta mística que o elevam perante a comunidade que aceitou a sua soberania. Mas isso não acontece apenas, parece-me, por via da influência da lenda de Fernão Gonçalves nesta narrativa. O relato do reinado do primeiro rei de Portugal nesta *Crónica* foi igualmente concebido a partir de uma intenção de valorizar a personagem central, enquanto herói épico mas também enquanto indivíduo de excepção. Essa excepcionalidade é evidente logo desde o nascimento e confirma-se quando, através de um milagre da Virgem, se opera nele uma transformação que o permite cumprir o destino que lhe estava reservado. Deu à luz D. Teresa “Hum filho grande e fremoso, que não podia mais/ ser em huma cryatura, saluo que nação com as pernas tão encolheyas, que ao parecer de mestres e de todos, julgarom que numqua poderya ser sam delas.” (op.cit.:11). Chamamos desde já a atenção para o contraste que marca o infante, contraste entre uma beleza extraordinária e

esta atrofia dos membros inferiores que o impediria de ser rei mais tarde. Egas Moniz manteve-se firme na determinação de o criar e quando a criança atingiu a idade de cinco anos teve o zeloso aio uma visão da Virgem Maria que lhe anunciou a realização do milagre através do qual ficaria curado. É então, também, revelada a predestinação do jovem para “destruyr muytos jmjgos da fee.” (op.cit.:13).

Se a relação entre Afonso Henriques e Egas Moniz tem uma tradição anterior, atestada desde meados do séc. XIV em referências nos livros de linhagens e tratada com maior desenvolvimento na *Crónica Geral de Espanha de 1344*², ela reveste-se aqui, contudo, de uma dimensão nova. Estabelece uma ligação coerente com outros aspectos da lenda do rei português, nomeadamente os episódios da maldição lançada por D.Teresa, que se viria a cumprir em Badajoz, e os protagonizados pelo próprio Egas Moniz, nomeadamente o do cerco de Guimarães e o das cortes de Toledo, reveladores dos estreitos laços que uniam o aio ao seu “criado”. Confirma ainda a auréola de misticismo e religiosidade que envolve o filho do Conde D.Henrique, principalmente a partir da batalha de Ourique. Este último episódio é muito importante, tendo sido o que mereceu um maior desenvolvimento no progressivo alargamento que a lenda de Afonso Henriques sofreu. O conjunto de testemunhos conservados permite observar que se foi também, paralelamente, cada vez mais insistindo no espírito religioso do monarca, quase ausente, p.ex., na IV Crónica Breve de Santa Cruz, a fonte narrativa mais antiga conservada da lenda do herói português, se exceptuarmos a parte relativa à conquista de Santarém. Depois do milagre de Ourique temos na Crónica de 1419 um conjunto de seis capítulos dedicados também à conquista de Santarém, eivados de visões proféticas, milagres extraordinários, discursos, promessas e orações (capp.XVI-XXI). A conquista de Lisboa aparece imbuída do mesmo espírito (capp.XXII-XXV), merecendo grande desenvolvimento a fundação do convento de S.Vicente e a trasladação das reliquias do Santo, que aí ficaram depositadas (cap.XXXI). Este episódio tem lugar já no declínio da sua vida, depois do desastre de Badajoz. Consumada a maldição que pendia sobre as suas pernas, o rei fora obrigado a ceder o lugar de soberano ao filho, D.Sancho, ao mesmo tempo que assistia às proezas de um novo herói guerreiro, D. Fuas Roupinho (capp.XXXII-XXXVI).

2. A lenda de Egas Moniz, que teria inicialmente circulado separada, foi incorporada na lenda de Afonso Henriques no final do séc.XIV. A versão de 1400 da *Crónica Geral de Espanha* apresenta já um relato do reinado do primeiro rei português que incluía aquela personagem como aio do príncipe. No *Livro de Linhagens* do Conde D.Pedro (1343-1344) essa lenda não estava ainda presente, embora se façam referências à personagem, como aliás já no *Livro do Deão* (1340) (cfr. Diego CATALAN, 1971:XXXVIII).

Tal como o episódio da ermida de Arlanza só faz plenamente sentido se for entendido a partir das regras que estruturam a narrativa a que pertence, também o das revelações de Ourique e o da própria visão que Afonso Henriques tem da Cruz na véspera da batalha funcionam de forma mais coerente no interior do relato em que se integram. Trata-se, em ambos os casos, de estratégias postas ao serviço da glorificação destas personagens extraordinárias, heróis da fundação da independência dos respectivos territórios.

A historiografia portuguesa perpetuaria, um pouco mais tarde, um outro herói da independência do reino, Nuno Alvares Pereira. Quero aqui recordar, a este propósito, um dos episódios que mais o celebrizou, a sua participação na batalha de Valverde, segundo o relato da *Crónica* de D. João I de Fernão Lopes. Aí se conta que o cavaleiro, ao iniciar-se a batalha, se retirou para rezar atrás de um rochedo, e aí permaneceu algum tempo, aparentemente indiferente à aflição dos seus homens. A Prof. Teresa Amado, ao comentar esta cena, classificou-a como “excessiva”, sugerindo tratar-se de uma “cedência (...) à tradição historiográfica de milagres e aparições, nesse género de situações (desde D. Afonso Henriques em Ourique)” (Teresa Amado, 1980:45). Penso que se trata aqui de um elemento da tradição com origens mais longínquas. Se voltarmos a examinar a lenda de Fernão Goncalves, quer através da prosificação que está presente na *Crónica de 1344*, quer através do próprio *Poema* de clerecía, podemos encontrar grandes semelhanças entre este episódio relativo a Nuno Alvares Pereira e o que dá conta da visita do conde castelhano a Arlanza antes da batalha de Hacinas Ambos, na iminência de combates que se afiguravam difíceis abandonam os exércitos e retiram-se para locais isolados. O cavaleiro português manteve-se longo tempo em oração (cf. op.cit.II:150). Fernão Gonçalves subiu à ermida e aí permaneceu adormecido, ouvindo em sonho os santos que lhe anunciavam a vitória (cf. op.cit.III:46-49). Tanto um como o outro são duramente recriminados pelos seus homens, ressentidos por terem sido abandonados no momento de maior perigo.

Significativamente diferente nos dois episódios é a forma como eles são apresentados pelo sujeito da enunciação. O compilador da *Crónica Geral de 1344* limita-se a apresentar o facto e a intervenção de um dos “queixosos” em discurso directo, relatando o efeito negativo que a ausência do conde tivera sobre os guerreiros. Com esta sobriedade contrasta a manifestação de espanto por parte de Fernão Lopes perante a atitude de Nuno Alvares Pereira, desdobrando-se em exclamações e interrogações retóricas várias, adivinhando a perplexidade dos leitores perante um acto tão estranho que mais não é, afinal, do que a confirmação máxima do halo de misticismo que envolve a personagem, explicitada ainda na comparação final com Moisés (cf. op.cit.II:150-151).

Não pretendo, ao estabelecer esta relação, aludir a uma eventual influência da

lenda de Fernão Gonçalves no texto da *Crónica* de Fernão Lopes mas somente citar um exemplo claro da forma como determinados motivos circulam no interior da tradição poética medieval. Na *Crónica de 1344* encontramos com muita frequência passagens em que o compilador nos remete para as suas fontes, algumas vezes fontes com origens diversas usadas para a narração de um mesmo acontecimento. O próprio Fernão Lopes, na *Crónica de D. João I*, enuncia ainda muito claramente este respeito pela tradição, que é tipicamente medieval, quando diz “A nos he per força sobre çertas cousas estoriarmos huu pouco comprido, pois teemos costume rezar as openiões e parte dos ditos dalguus que ja sobresto primeiro que nos fallarom;” (op.cit.I:373) (cf.Teresa Amado,1991:74).

Verificar que o autor da *Crónica de 1419* conheceu a lenda de Fernão Gonçalves, seleccionou, recortou ou reescreveu algumas passagens dela no seu texto tem, segundo creio, maior importância se for encarada como contribuição para um melhor entendimento das características próprias de que se reveste a textualidade medieval, marcada por uma dimensão colectiva e exemplar. A identificação e explicitação das fontes usadas por um determinado “autor” em textos produzidos nesta época não parece, assim, ser uma tarefa válida por si mesma já que essa é a base de toda a elaboração discursiva na Idade Média, construída permanentemente a partir de referências à tradição cultural. Daí que a investigação não faça sentido se não for complementada com um estudo do funcionamento dos segmentos comuns, já isolados, no macrotexto em que se integram, valorizando-o, porventura em termos estético-literários e servindo os seus objectivos de ordem pragmática.

Elisa Rosa PISCO NUNES ESTEVES
Universidade de Évora

BIBLIOGRAFIA

Textos

- *Anais, Crónicas e Memórias Avulsas de Santa Cruz de Coimbra*, Porto, Biblioteca Pública Municipal, 1968 (introd. de António Cruz).
- *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes, Porto, Livraria Civilização. Vol.I, 1983 (introd. de Humberto Baquero Moreno); vol.II, 1990 (ed. preparada por M. Lopes de Almeida e A. de Magalhães Basto).
- *Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1952-1953 (ed. de Carlos da Silva Tarouca, S. J.).
- *Crónica Geral de Espanha de 1344*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, vol.III, 1964 (ed. de L. F. Lindley Cintra).
- *Poema de Fernán Gonzalez*, Madrid, Espasa-Calpe S. A., 1974.

Estudos

- AMADO, Teresa 1980, *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes, Lisboa, Ed. Comunicação.
- 1991, *Fernão Lopes Contador de História. Sobre a Crónica de D. João I*, Lisboa, Ed. Estampa.
- CATALAN MÉNENDEZ PIDAL, Diego 1971, *Crónica General de 1344* (Estudio Histórico), Madrid, Ed. Gredos.
- CINTRA, Luis Filipe Lindley 1957, “Sobre a formação e evolução da lenda de Ourique (até à Crónica de 1419)” in *Miscelânea de Estudos em Honra do Prof. Hernâni Cidade*, Lisboa, Publ. da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, (pp. 168-215).
- ZUMTHOR, Paul 1977, “Médiéviste ou pas”, *Poétique* 31, Paris, Ed. Seuil (pp. 306-321).